

DENTRO DE UMA EFEMÉRIDE

ALBA VALDEZ

Ali estava, finalmente, inserto numa página dêsse tomo da "Revista do Instituto do Ceará", aquilo que eu buscava, havia demorados minutos. Baseava-se a busca numa espécie de serviço a prestar à literatura patrícia de ontem.

Conforme letra do Estatuto da Academia Cearense de Letras, têm os seus membros, prèviamente designados, que falar sôbre as efemérides do calendário da associação.

O meu nome figurava na agenda referente a êsse mês de maio que, até àquele instante, nada impusera à minha apreciação. Datas e fatos de relevância que desfilavam já tinham sido objeto de comentários e esplanções eruditas. Outros... Para facilitar a tarefa da pena, torna-se necessário o interêsse pelo assunto.

Na efeméride que acabava de ler, registava-se que, em sessão solene de 20 de maio de 1932, no palacete do Clube Iracema, o dr. J. J. de Pontes Vieira pronunciara o discurso oficial em homenagem ao dr. José Sombra. Homenagem que se realizou com extraordinária afluência de amigos e admiradores no 30º. dia de sua morte.

José Sombra foi um homem de brilhante inteligência e de excepcionais qualidades espirituais e morais. Valor da genuína sociedade local anterior ao soçaite da época presente, entornada no vai-e-vem rumoroso e delirante dos automóveis,

no odor e nas emanações do uísque, dos cigarros, do café contrabandeados, na agilidade dos conjugadores do verbo **rapio** que engrossam a gozadora legião dos novos-ricos.

Serena, forte e luminosa, transcorreu-lhe a existência até àquele dia 21 de abril de 1932 quando, inopinada e brutalmente, a morte o abateu. Naquela manhã, tomara o ônibus na Praça do Ferreira. Ia à Ponte Metálica, ponto de magnífico descortino de vasto trecho da paisagem marinha. O veículo da linha da Praia de Iracema percorria a avenida Epitácio Pessoa. A certa altura, uma velhinha com uma pesada cêsta de compras pendurada no braço, fêz sinal ao motorneiro, pedindo passagem. Houve a parada, mas a anciã não subiu. Não podia. Estava de tamancos.

O dr. José Sombra intercedeu em favor da humilde passageira, não sendo atendido, que lhe cobrira a voz o rumor rolante do transporte. Mais tarde, alguém, armando conclusões, opinou que o terrível não teria acontecido, se não fôsse o incidente da parada, ocorrido no caminho.

Antes de dobrar a curva para o bairro de seu destino, o ônibus dirigiu-se à Ponte Metálica, onde devia descer um dos passageiros, o dr. José Sombra. Nesse interim, uma locomotiva da R.V.C. saindo, em grande velocidade, do lado dos armazens do pôrto, chocou-se contra o ônibus, espedaçando-o.

Seguiram-se ao estrondo, gritos, gemidos e ais, partidos, daqui e dacolá, dos passageiros acidentados entre os quais o dr. José Sombra, o único, sôbre quem a morte principiava a estender o seu véu impalpável. A cidade emocionou-se. Outro não foi o assunto durante longas horas. A imprensa gravou o nome do morto entre largas tarjas de luto com pormenores da catástrofe.

Os discursos à beira de seu túmulo e nas solenidades em sua homenagem ressaltaram-lhe os indiscutíveis méritos intelectuais e morais que lhe criaram um ambiente de bem-querer e admiração. Não podia resistir àquela simplicidade de filósofo, àquela gentileza de fidalgo.

Amava o Ceará pobre, honesto e trabalhador. Ninguém

Ihe ouvira jamais falar de Viena d'Áustria, uma das capitais mais sedutoras, mais suntuosas e românticas da velha Europa, como a terra onde nascera, acidentalmente. Fato que, "pour épater le courgeois", certas bôcas assoalhariam em proveito próprio.

Em espírito, como o seu, afeito às pervagações no campo da filosofia, na ânsia de "interpretar a existência como uma fórmula divina de chegar à perfeição" não encontraria sentido veleidades daquela ordem. A princípio — confessou certa vez — era um Shopenaueriano convencido, acrescentando mais adiante: "A leitura de escritores desabusados, como Stendhal, Nietzsche, Montaigne e Anatole, constituía o meu alimento espiritual".

Não se agarrava cegamente a *parti pris* — apressa-se em esclarecer Djacir Menezes — à determinada escola, mas estudava conscienciosamente, tôdas elas, com a imparcialidade intelectual dos que investigam no afã de apreender a Verdade. Isso não significa sua indecisão e flutuação entre as duas grandes e fundamentais orientações em que se reparte, numa larga visão de conjuntos, o panorama filosófico de todos os tempos. José Sombra era um espiritualista — conclui Djacir Menezes.

O mesmo Djacir Menezes já dissera das portas da Faculdade de Direito, nas palavras de despedida, perante a multidão silenciosa que acompanhava o ataúde que José Sombra era, em espírito, irmão de Farias Brito.

José da Cunha Sombra nasceu a 21 de março de 1883, em Viena d'Áustria, quando seus pais, o médico dr. José Sombra e d. Luiza da Cunha Sombra, em excursão pela Europa, ali se encontravam. Era, pelo lado materno, neto dos Viscondes de Cauípe e sobrinho do Barão de Ibiapaba. Era ainda enteado do Barão de Studart, com quem sua mãe se casara em 2^{as}. núpcias. Matrimoniou-se com d. Alzira Studart da Fonseca, irmã do conhecido médico dr. Eliezer Studart da Fonseca. Fêz o curso de Humanidades no Liceu do Ceará e formou-se em Direito, na Faculdade do Recife, em 31 de mar-

ço de 1906. Residiu na Amazônia durante algum tempo, regressando, em 1914, ao Ceará, que atravessava um período de lutas partidárias.

Inclinando-se para a política, entrou, na qualidade de diretor de um dos jornais combatentes, o **Diário do Estado**, fundado pelo dr. Soriano de Albuquerque, sendo, porém, de pouca duração a sua permanência ali. Substituiu-o o dr. João Demétrio de Menezes, assassinado três meses depois. Não quis o dr. José Sombra saber mais de política. Dessa política indecorosa, capaz de tôdas as baixezas que Martinho Rodrigues, antigo jornalista, parlamentar e chefe de partido, desiludido e nauseado, em estrofes candentes, apodou de — prostituta.

O bacharel José Sombra não sentia vocação para as lides da magistratura e da advocacia. Atraíam-no a literatura, o magistério e a filosofia. Fundou, com outros, a sociedade **Iracema Literária** e ocupou a tribuna, revelando-se grande orador, pronunciando admiráveis palestras, conferências e discursos, uns e outros de sabor social, literário, filosófico ou pedagógico.

Publicou: **Discurso proferido na Sessão Comemorativa dos Cursos Jurídicos, no Liceu Cearense, a 11 de agosto de 1905; A Falência da Moral Leiga; A Idéia do Direito na Filosofia de Farias Brito; Contra o Alcoolismo; O Feminismo; José Albano; Pascal e a Inquietação Moderna; As Pessoas Jurídicas do Direito Romano; A Maior Figura da Literatura Brasileira; Uma Palestra com Guerra Junqueiro; Alocução, proferida na Escola Normal de Fortaleza, como paraninfo das alunas diplomadas, em 1914.**

Pertenceu ao Instituto do Ceará e à Academia Cearense de Letras.

Exerceu a Cadeira de Filosofia do Liceu do Ceará e o cargo de fiscal do Conselho Nacional do Ensino, junto à Faculdade de Direito do Ceará.

Sobre o dr. José Sombra, conceituaram entre muitos:

J. J. de Pontes Vieira: Foi uma personalidade coerente e definida, porque traçou para sua existência, uma direção

retilínea, cujo ponto de partida foram os preceitos do bem e a meta objetivada, a conservação perene de seu nome que o gênio da bondade acrisolou para o ritmo harmonioso de uma vida sem arestas.

Leonardo Mota: Ele foi um evangelizador da bondade, um doutrinador da beleza; foi, conseqüentemente, um civilizador.

José Lino da Justa: Temperamento liberto das vaidades humanas, era uma das mais elevadas expressões da vida espiritual cearense.

Enternecia-se, como Crisóstomo, das dores alheias e nunca falava de suas mágoas, apesar do seu sorriso sempre melancólico. Possuía, como Marcel Proust, o sentimento da espiritualização das cousas belas.

Através da sua austeridade suave, tinha aquilo a que Taine chamava o respeito à dignidade humana e a higiene do talento.

Beni Carvalho: Sociólogo, crítico, *causeur* esfresiante, orador de apurada sensibilidade e cálida eloquência, foste tudo isso, sendo a mais alta expressão da bondade, do equilíbrio mental e da verticalidade ética.

J. F. Jorge de Sousa: Lucilante estrêla que constelava de fulgores a intelectualidade cearense, com as vívidas projeções do seu luminoso talento de escol.

Antônio Sales: Não sei que substâncias raras e preciosas o formaram assim, esquivo sem soberbia, arredio sem misantropia, seguindo uma linha de procedimento que o isolava da turbamulta da vulgaridade.

Andrade Furtado, seu sucessor no Instituto do Ceará: Podemos dizer que José Sombra foi, na sua fiel expressão, um gênio melancólico, sem que essa melancolia denunciasses outra coisa que a preocupação constante de desvendar, dentro do próprio eu, o mistério das idéias.